
A ocupação islâmica na Encosta de Sant'Ana (Lisboa)¹

MARCO CALADO
VASCO LEITÃO

R E S U M O

Na sequência de um artigo em que se dava conta dos resultados preliminares das intervenções arqueológicas preventivas efectuadas em 2002 junto ao Largo do Martim Moniz, sob a direcção do Dr. João Muralha e Dr.^a Cláudia Costa (Muralha et al., 2002) e no momento em que se procede à segunda campanha de intervenções, estas sob a direcção da Dr.^a Manuela Leitão, publicam-se os dados relativos à ocupação islâmica detectada durante a primeira campanha.

A B S T R A C T

Following an article where an account of the preliminary results of the preventive archaeological interventions effectuated in 2002 next to the Plaza of the Martim Moniz was given, under the direction of Dr. João Muralha and Dr.^a Cláudia Costa, and at the moment where we proceed to the second campaign of interventions, these under the direction of the Dr.^a Manuela Leitão, we publish the data concerning the detected Islamic occupation during the first campaign.

1. Localização e área intervencionada

A Colina de Sant'Ana localiza-se a Oeste do Castelo de São Jorge, tendo constituído um “esporão” entre a Ribeira de Valverde a poente e a Ribeira de Arroios a nascente, que na sua confluência o delimitavam a Sul, equivalendo grosso modo à área actualmente definida pela Rua de São José/Rua das Portas de Sant'Antão, Rua da Palma/Largo do Martim Moniz e Praça da Figueira.

A área intervencionada compreendeu parte da encosta nascente entre a Rua do Arco da Graça, Hospital de São José (Colégio de Sant'Antão), Travessa do Arco da Graça, sendo que o Lote 3, exterior à cerca Fernandina, se subdividiu nos sectores C, D e E da escavação e o Lote 4, interior a esta, nos sectores A e B (Figs. 1 e 2).

Centra-se este artigo no sector A e C, muito embora um conjunto de 6 silos tenha sido identificado no sector E, encontrando-se porém num estado muito perturbado pelas ocupações modernas, nomeadamente pelas remodelações pombalinas e mesmo anteriores, tendo sido pouco significativo o espólio exumado e não oferecendo nenhuma informação segura quer do ponto de vista cronológico quer mesmo tipológico.

O sector A ocupa aproximadamente uma área de 160 m², coincidente com o rés-do-chão do edifício que se localizava na convergência da Travessa da Palma com a Travessa do Arco da Graça.

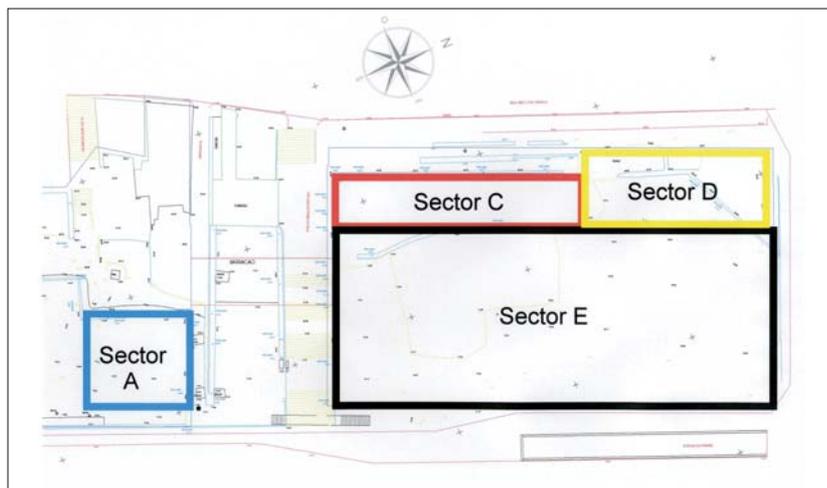


Fig. 1 Localização dos sectores.



Fig. 2 Vista aérea da área intervencionada.

2. Características sedimentares e depósitos estudados

Após a escavação dos níveis modernos foram detectados dois níveis franco-siltosos esverdeados e compactos, aparentemente estéreis que se estendiam quer sobre quer sob os níveis islâmicos. Correspondem a níveis coluvionares, cuja dinâmica actuou continuamente desde períodos pré-históricos (Angelucci, 2004), depositando até uma espessura em determinadas zonas, de cerca de 0,8 m após o final da ocupação em estudo. É esta forte componente sedimentar que nos coloca a primeira dúvida na acção antrópica sobre esta parte da encosta.

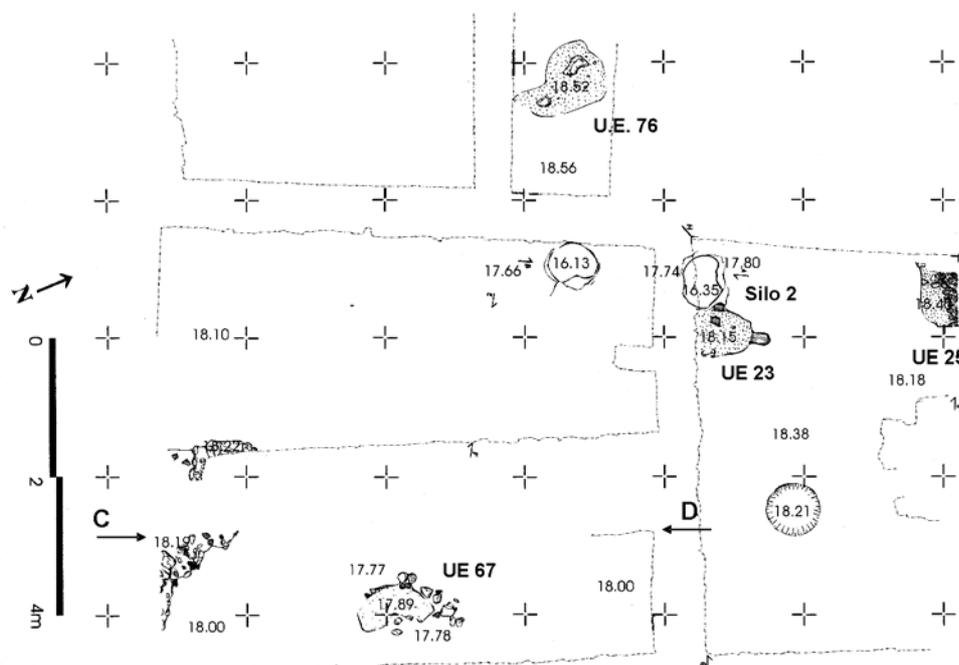


Fig. 3 Sector A. 1.ª fase, com estruturas islâmicas.

Se por um lado após o abandono islâmico um espesso depósito cobriu os vestígios arqueológicos e mesmo durante a própria ocupação esta mecânica se verificou, não nos parece de todo plausível a sua inactividade durante o período que medeia a desactivação da necrópole romana e o assentamento islâmico. De facto, verificou-se que parte das poucas e mal conservadas estruturas, bem como os depósitos detriticos que assentam e rompem as margas consolidadas que caracterizam o topo do substrato geológico, na qual foi instalada a referida necrópole, apenas são cobertos por um coluvião meramente vestigial.

Embora de frágil sustentação, visto não se ter detectado qualquer pavimentação ou mesmo solo biogénico, consideramos que alguma forma de regularização do terreno deve ter tido lugar, removendo os coluviões recentes e expondo o substrato margoso. A crer nesta afirmação, esta acção deve ter tido lugar no início da ocupação em estudo (Figs. 3 e 4).

Os depósitos de cronologia islâmica aqui estudados caracterizam-se pelo seguinte:

U.E. 16 – Depósito coluvionar recente de matriz argilosa e coloração verde escura. É homogéneo de grão fino e compacto.

U.E. 22 – Depósito coluvionar recente, de matriz franco-siltosa de coloração esverdeada. É homogéneo e compacto, contendo nódulos de argamassa branca, cerâmica de construção e fauna mamalógica.

U.E. 23 – Nível de lixeira = U.E. 53. Cobre parcialmente o silo 1.

U.E. 53 – Depósito correspondente a lixeira. Matriz areno-argilosa de coloração castanho-escura, medianamente compacta. Contém carvões e fauna mamalógica.

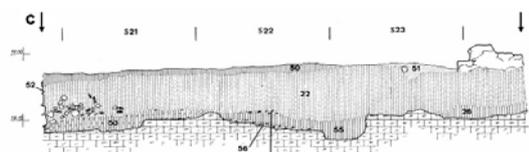


Fig. 4 Perfil C/D localizado na planta das estruturas.

U.E. 55 – Depósito de matriz areno-argilosa de tons castanhos é medianamente compacto, com cinzas dispersas.

U.E. 67 – Depósito correspondente a lixeira. Matriz argilosa, grão fino e médio, solto e homogéneo. Contém grande concentração de carvões e fauna mamalógica e malacológica.

U.E. 76 – Pequena bolsa. Matriz arenosa, solta, de tons castanhos, com fragmentos de estuque almagrado.

3. Contextos estruturais

Para além das pequenas lixeiras, algumas das quais sobrepostas, foram ainda identificados numa primeira fase dois silos e uma lareira escavada parcialmente nas margas e revestida na base com fragmentos de telha (Fig. 6). Corresponde a um tipo vulgarizado de estrutura e já descrita por André Bazzana (1992, p. 127-128, 131-132).

Foi após o que suponhamos a conclusão dos trabalhos, que numa acção à revelia da coordenação arqueológica se efectuou a remoção dos depósitos conservados sob a Travessa da Palma, expondo os recalçamentos efectuados em período moderno à cerca de D. Fernando e o topo do substrato, revelando um conjunto de mais oito silos. Foram escavados em situação de emergência e a par com o progresso da obra, que realizava as contenções por sistema de Munique e perfis metálicos (Figs. 5 e 7).

Muito embora o espólio recolhido seja escasso quando comparado com o exumado nos dois primeiros silos e mesmo com casos similares noutras intervenções, esta situação pode ser explicada pelos seguintes motivos: o primeiro prende-se com o facto de os silos 3, 6 e 8 terem sido rompidos quase integralmente pelos referidos recalçamentos da muralha e no caso do silo 10, por violação e posterior preenchimento com material de construção e entulhos, certamente indicando alguma remodelação nas estruturas habitacionais de fundação seiscentista. Ainda no caso do silo 5, o seu preenchimento consistia exclusivamente de margas revolvidas, que deduzimos aí terem sido depositadas quando da abertura de outro.

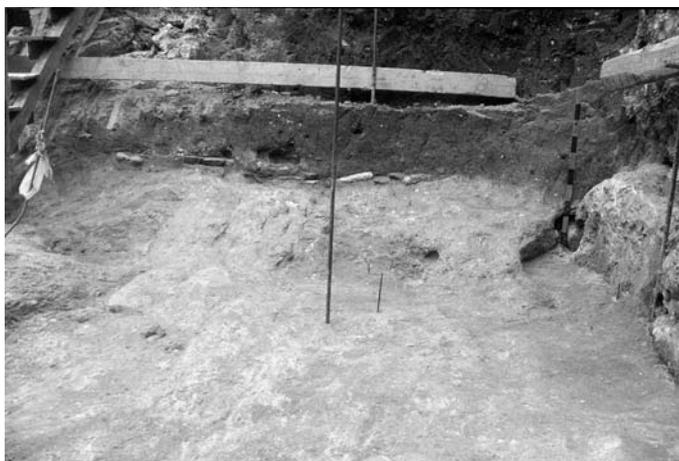


Fig. 5 Silos na Travessa da Palma antes da escavação.



Fig. 6 Lareira estruturada.



Fig. 7 Silos da Travessa da Palma durante a escavação de emergência.

No sector C e demonstrando continuidades na malha urbanística, surgiu um pequeno muro colapsado, construído com pequenas pedras e telhas reutilizadas, que reformula o talude nascente do caminho romano de cronologia genérica atribuível ao período Júlio-Cláudio (Fig. 8), tendo-se recolhido na vala de fundação do muro delimitativo do lado nascente, fragmentos de cerâmica cinzenta, de um prato de “vermelho pompeiano” e um bordo de *sigillata* itálica. Encontra-se implantado sobre as areolas e sobre os níveis de coluvião antigos, onde é dotado na sua fundação por um pequeno dreno lateral, a sua orientação corresponde a 16 graus nordeste. Este caminho foi sendo continuamente repavimentado (tendo-se detectado cinco níveis), através da compactação de areão e saibro, o que provocou um desvio progressivo do eixo original que atinge cerca de 2 m em período islâmico. O espólio recolhido é bastante escasso resumindo-se na última fase de utilização a raros e incharacterísticos fragmentos de cerâmica comum e a um fundo de uma taça vidrada a verde.

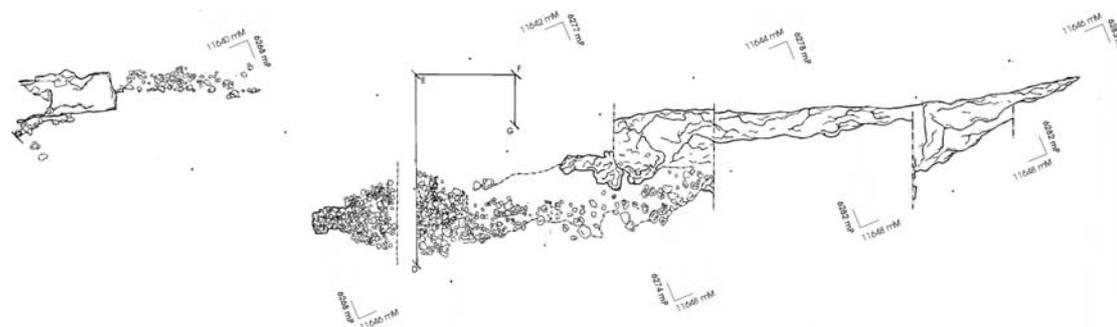


Fig. 8 Caminho de fundação romana com reformulação islâmica - Sector C.

4. O espólio

4.1. As formas

Do espólio exumado no silo 4 destacamos um candil, uma panela, um jarro bem como fragmentos de jarritas e um copo. O candil é de pasta bege com asa colada no interior do colo com bico de secção abaulada e acentuadamente obliquo relativamente à base do depósito, característico das produções califais (von Kemnitz, 1999, p. 436), embora um exemplar recolhido em Marroquies Bajos (Pérez Alvarado, 2000, p. 414) com similaridades na disposição do bico seja apontado pelos autores como Emiral.

A panela caracteriza-se por uma pasta castanha com elevado número de desengordurantes (calcites e quartzos) apresentando um acabamento por brunimento. Insere-se no grupo de formas cujos protótipos são geralmente recuados ao período visigótico, mas persistentes ainda em contextos omíadas, como é o caso de Milreu, (Teichner, 1993) costa granadina (Gómez Becerra, 1997, 2000) e Jaén (Pérez Alvarado e Pérez Martínez, 2000, p. 44, fig. 7, n.º 7801).

O Jarro encontra-se decorado com pintura a branco com motivos circulares e filete no arranque do colo. Assemelha-se no tipo de bordo às formas detectadas em Palmela indicadas como dos séculos IX e X (Fernandes, 2004, p. 149), cronologia coincidente com a proposta para o cântaro exumado no Poço da Hortinhola (Gomes, 1998).

Na U.E. 53 recolheu-se um pequeno bico de candil com canal largo e paredes abauladas que parece corresponder a formas ainda integráveis em período emiral, surge a par com um fragmento de atafior com vidrado mal conservado, variável entre o melado e verde-claro cuja tipologia nos parece corresponder a formas representadas por todo o Al-Andaluz (Torres, 1995, p. 38) como por exemplo em Silves (Gomes, 1995), Cerro da Vila (Matos, 1983), Alcaria Longa (Boone, 1993), Granada (Rodríguez Aguilera, 1999), atestando uma larga difusão a partir de finais do século IX e X. Estes exemplares foram recolhidos em depósito identificado como lixeira sobre as margas.

É, no entanto, durante o século XI que a ocupação se intensificou. O que se pode comprovar pelo fragmento de bordo de atafior decorado a “verde e manganês” recolhido numa pequena lixeira (Fig. 9) a par com pequenos fragmentos de estuque almagrado (indiciando a existência de estruturas de cariz permanente). Enquadra-se tipologicamente no tipo de produções das primeiras taifas, com paralelos documentados na Estremadura, como é o caso de Palmela (Fernandes, 1999). Lisboa (Mandarim Chinês (Bugalhão e Folgado, 2001) e Claustros da Sé (Amaro, 2001)) e Sintra (Coelho, 2000). Reforçando esta cronologia, salienta-se a loiça de uso doméstico que caracteriza as restantes pequenas lixeiras. Neste caso predominam as panelas de perfil em “S”, identificadas em Santarém (Ramalho et al., 2001), a par com recipientes de servir como as jarritas.

Se a decoração com pintura a branco é de facto o grupo estilístico mais abundante a pintura a almagro não deixa de estar representada. Predominam as jarritas de pasta bege. Formas aproximadas foram recolhidas em Palmela nas intervenções do Castelo e Alto da Queimada em ambos os casos atribuídos aos séculos VIII e IX (Fernandes, 2001). Já na Sé de Lisboa, para esta forma e género decorativo, foram identificados fragmentos atribuíveis aos séculos IX e X, mas em contextos datáveis dos séculos XI e XII, das fossas 1 e 2 (Amaro, 2001, p. 192, fig. 18, n.ºs 1 e 2). Pouco abundantes nas intervenções da Rua dos Correiros (BCP) e Mandarim Chinês, foram aqui atribuídos ao século XII, cronologias que parecem corroborar as propostas para estas produções nas



Fig. 9 Fragmento de atafior a “verde e manganês”.

intervenções do Castelo de São Jorge (embora de contextos mal definidos na publicação) e mais fidedignamente nas da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva (FRESS) em que marcam “presença residual na primeira metade do XII, sendo praticamente inexistentes na segunda metade do XII.” (Gomes et al., 2001, p. 121).

No que se refere ao espólio atribuível ao período almorávida, destaca-se o exumado nos silos 1 e 2, que consiste em jarritas com pintura a branco, candis e panelas de bordos boleados rectos de secção rectangular, triangular e subtriangular. Em Lisboa, à excepção das formas de bordo recto e colo ligeiramente estrangulado do Núcleo Arqueológico dos Correiros

ros, que recuam a produção para o século XI, perdurando no XII, quer as intervenções no Castelo de São Jorge, FRESS, Claustros da Sé, parece pacífica uma cronologia correspondente à primeira metade do século XII, com a coexistência das três diferentes tipologias em cerca de meados do mesmo século, sendo neste caso bastante elucidativo o espólio exumado da câmara de combustão do forno 1 do Mandarim Chinês. A sobrevivência da forma de bordo boleado recto, na segunda metade deste século, também se apresenta pacífica. Neste caso, a 3.^a e 4.^a fase do compartimento P5/6 da Alcáçova do Castelo de São Jorge, cuja última fase de ocupação (5.^a fase) se encontra datada por um numisma de Sancho I, poderá confirmar esta situação. Não deixa também de ser pertinente referenciar o caso do silo escavado nos Claustros do Museu de Évora e datado por vários numismas de Sancho II (Gonçalves et al., 2003) em que o número de bordos rectos e subtriangulares (tipo CI e CII) demonstra, mais do que uma mera ocasionalidade, a sobrevivência tipológica ainda na primeira metade do século XIII destes utensílios, o que poderá ser parcialmente explicado neste caso pela profunda ligação que esta cidade ainda mantém com o mundo islâmico mesmo após a conquista cristã, resistindo isolada na Marca durante as investidas de Yaqub Al-Mansur, até à conquista definitiva de Moura e Serpa em 1232, facto que só se poderá compreender atendendo a interesses económicos mútuos, nos quais Évora, como cidade de fronteira, exerceria função de interposto comercial (Mattoso, 1993, p. 97)

A coexistência destas tipologias poderá levar à interpretação destas formas (a nosso ver razoável) como de “tradição”. No entanto tal não parece ser o caso da Vila de Frielas, cujo conjunto pela sua uniformidade se demonstra tipicamente islâmica, quanto mais associado a “um fragmento único (...), com pasta branca, sobre o qual se pintou a castanho-escuro, um motivo decorativo” (Silva e Barbosa, 2003, p. 116). A evolução destas painéis poderá eventualmente estar representada no conjunto da Travessa da Lameira em Santarém (Mendes et al., 2002).

4.2. Os fabricos

Fabrico 1 – Pasta bem depurada, fractura lisa, produção fina, com pequenos elementos micáceos. 2.5 YR 8/3. Cat. N.º 29.

Fabrico 2 – Pasta bem depurada, fractura irregular, aspecto esponjoso, com abundantes feldspatos. 10 YR 8/3. Cat. N.º 9.

Fabrico 3 – Pasta bem depurada, fractura lisa, aspecto esponjoso, com micas e feldspatos. 10 YR 8/4. Cat. N.ºs 1 e 7.

Fabrico 4 – Pasta bem depurada, fractura irregular, aspecto laminado, com pequenos elementos micáceos e alguns quartzos. 10 YR 7/3. Cat. N.º 18.

Fabrico 5 – Pasta de fractura irregular, aspecto arenoso, com abundantes calcites e raras micas. 5 YR 6/4 a 5/4. Cat. N.ºs 2, 3, 4 e 5.

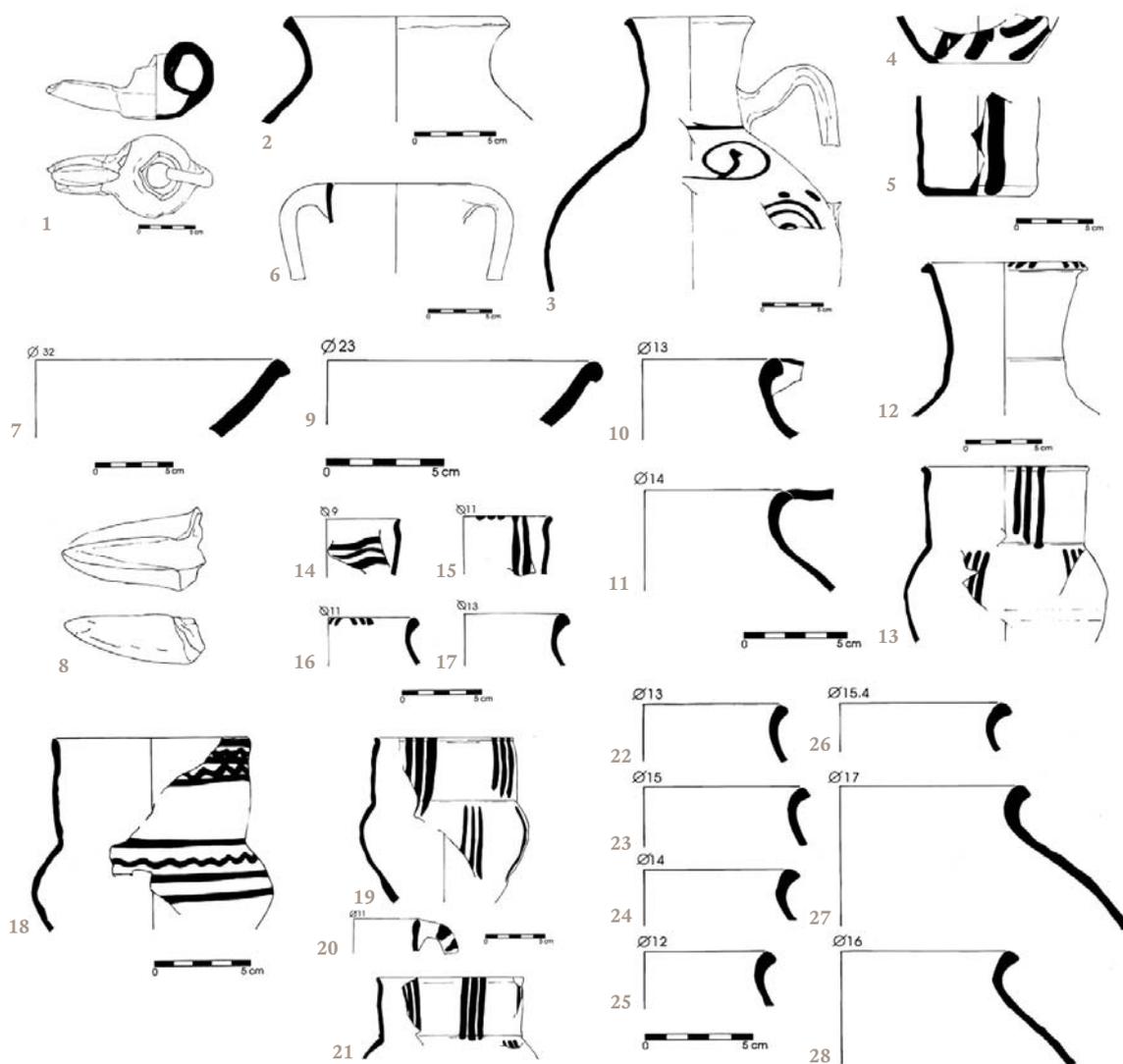
Fabrico 6 – Pasta de fractura irregular, aspecto poroso, com alguns elementos micáceos e pequenos quartzos leitosos rolados. 7.5 YR 5/3 a 6/4. Cat. N.ºs 6, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19 e 33.

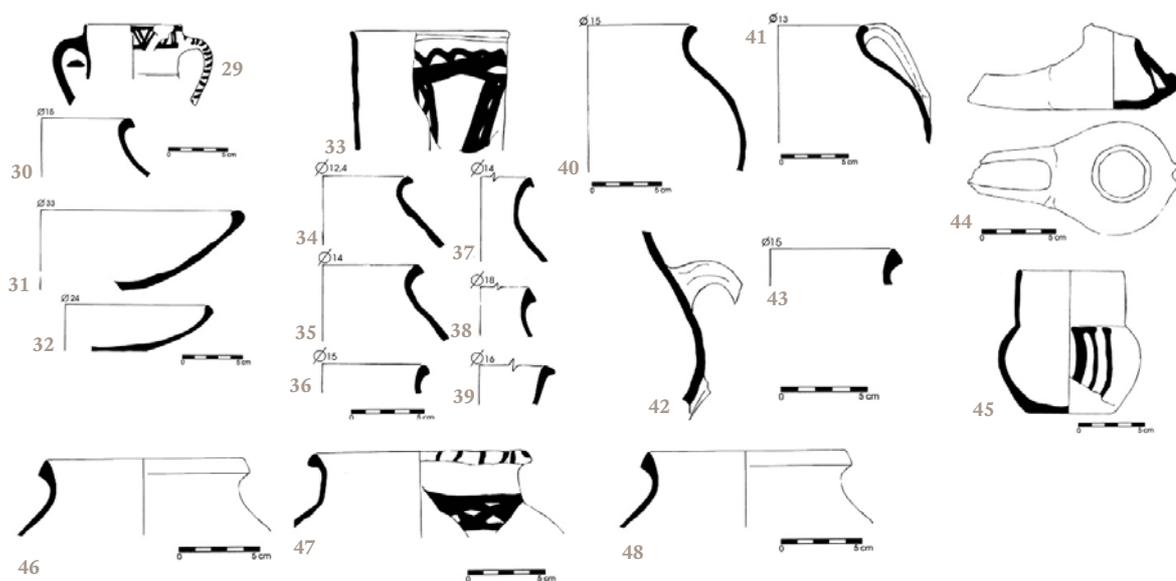
Fabrico 7 – Pasta de fractura irregular, aspecto poroso, com micas e quartzos angulosos. 2.5 YR 6/8, acabamento exterior (quando existe) 10 YR 3/1. Cat. N.ºs 10, 11, 22, 23, 24, 25, 26, 27 e 28.

Fabrico 8 – Pasta de fractura irregular, aspecto arenoso, com calcites quartzos e micas. 2.5 YR 5/8, acabamento exterior (quando existe) GLEY I 2.5 N. Cat. N.ºs 20, 21, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 44, 45, 46, e 47.

Fabrico 9 – Pasta de fractura irregular, aspecto poroso, com quartzos e micas. 10 YR 5/4. Cat. N.º 8, 33 e 48.

Fabrico 10 – A: Fractura irregular, aspecto granuloso, com grande quantidade de quartzos e algumas calcites. 7.5 YR 2.5/1. Cat. N.º 40. B: Semelhante ao anterior mas de cozedura oxidante. 5 YR 6/4. Cat. N.º 41.





5. Conclusões

O estabelecimento em estudo encontra-se implantado junto de uma característica oro-hidrográfica largamente conhecida e estudada, que muito embora já se encontrasse em processo de assoreamento (certamente desde o período romano) para montante do que actualmente corresponde a cerca de metade da Rua Augusta (Silva, 1960) não deixou no entanto de condicionar a evolução urbanística e talvez mesmo económica dos arrabaldes poentes de *Luxbuna*. Esta localização privilegiada fomentou desde cedo o estabelecimento humano, como se pode confirmar pelas recentes intervenções que confirmam ocupações neolítica e do Bronze, demonstrando uma certa continuidade, pelo menos em época pré-histórica. A intensificação da urbe em período sidérico e consequente deslocação da ocupação para o morro do castelo como fruto da urgência de uma percepção urbanística que não se coadunava com uma ocupação em vale irão relegar para uma posição periférica a Encosta de Sant'Ana. Esta situação irá manter-se pelo período romano, quando é instalada a necrópole, com o seu núcleo principal na Praça da Figueira.

Apenas durante a ocupação islâmica se recupera a sua utilização como área habitacional, no entanto pouco intensiva, apesar de continuada.

Não se torna difícil de imaginar ao norte do arrabalde ocidental que apresentava marcadas orientações industriais, uma ocupação periurbana talvez mais vocacionada ao aproveitamento agro-pecuário, proporcionado por o que Al-Bakri (405H/1014 d.C.-487H/1094 d.C.) nos descreve como “uma vasta pradaria atravessada por dois cursos de água que se lançam no mar”, aqui provavelmente pontuada por currais e almuinhas, característica que ainda se manterá em período moderno e contemporâneo (Fig. 10).



Fig. 10 Fragmento da “Perspectiva de Lisboa”, G. Braunio, 1572.

Catálogo						
N.º	Proveniência	Contexto	Grupo	Fabri.	Decoração	Cronologia
1	ESA 02	Silo 4	Candil/Quandil	3	—	Séc. IX/X
2	ESA 02	Silo 4	Panela/Qidr	5	—	Séc. IX/X
3	ESA 02	Silo 4	Jarro/Qadh-Ibriq	5	Pintura a branco	Séc. IX/X
4	ESA 02	Silo 4	Jarrita/Barrada	5	Pintura a branco	Séc. IX/X
5	ESA 02	Silo 4	Copo/Tassa	5	Pintura a branco	Séc. IX/X
6	ESA 02	Silo 4	Jarrita/Barrada	6	—	Séc. IX/X
7	ESA 02	U.E. 53	Ataifor/Tayfûr	3	Vidrado verde melado e manganês	Séc. IX/X
8	ESA 02	U.E. 53	Candil/Quandil	9	—	Séc. IX/X
9	ESA 02	U.E. 76	Ataifor/Tayfûr	2	“verde e manganês”	Séc. XI
10	ESA 02	U.E. 55	Panela/Qidr	7	Pintura a branco	Séc. XI
11	ESA 02	U.E. 55	Panela/Qidr	7	Pintura a branco	Séc. XI
12	ESA 02	U.E. 23	Cântaro/Yarra	6	Pintura a branco	Séc. XI
13	ESA 02	U.E. 23	Jarrita, Púcaro /Barrada	6	Pintura a branco	Séc. XI
14	ESA 02	U.E. 23	Jarrita, Púcaro /Barrada	6	Pintura a branco	Séc. XI
15	ESA 02	U.E. 23	Jarrita, Púcaro /Barrada	6	Pintura a branco	Séc. XI
16	ESA 02	U.E. 23	Panela/Qidr	6	Pintura a branco	Séc. XI
17	ESA 02	U.E. 23	Panela/Qidr	6	Pintura a branco	Séc. XI
18	ESA 02	Silo 7	Jarrita/Barrada	4	Pintura a almagro	Séc. XI/XII
19	ESA 02	Silo 7	Jarrita, Púcaro /Barrada	6	Pintura a branco	Séc. XI/XII
20	ESA 02	Silo 7	Jarrita/Barrada	8	Pintura a branco	Séc. XI/XII
21	ESA 02	Silo 7	Jarrita, Púcaro /Barrada	8	Pintura a branco	Séc. XI/XII
22	ESA 02	Silo 7	Panela/Qidr	7	—	Séc. XI/XII
23	ESA 02	Silo 7	Panela/Qidr	7	—	Séc. XI/XII
24	ESA 02	Silo 7	Panela/Qidr	7	—	Séc. XI/XII
25	ESA 02	Silo 7	Panela/Qidr	7	—	Séc. XI/XII
26	ESA 02	Silo 7	Panela/Qidr	7	—	Séc. XI/XII
27	ESA 02	Silo 7	Panela/Qidr	7	—	Séc. XI/XII
28	ESA 02	Silo 7	Panela/Qidr	7	—	Séc. XI/XII
29	ESA 02	U.E. 22	Jarrita/Barrada	1	Pintura a almagro	Séc. XII
30	ESA 02	U.E. 22	Panela/Qidr	8	—	Séc. XII
31	ESA 02	U.E. 22	Sertâ/Qas'a	8	—	Séc. XII
32	ESA 02	U.E. 22	Sertâ/Qas'a	8	—	Séc. XII
33	ESA 02	U.E. 16	Copo/Tassa	8	Pintura a branco	Séc. XII
34	ESA 02	U.E. 16	Panela/Qidr	8	—	Séc. XII
35	ESA 02	U.E. 16	Panela/Qidr	8	—	Séc. XII
36	ESA 02	U.E. 16	Panela/Qidr	8	—	Séc. XII
37	ESA 02	U.E. 16	Panela/Qidr	8	—	Séc. XII
38	ESA 02	U.E. 16	Panela/Qidr	8	—	Séc. XII
39	ESA 02	U.E. 16	Panela/Qidr	8	—	Séc. XII
40	ESA 02	U.E. 67	Panela/Qidr	10 a	—	Séc. XII
41	ESA 02	U.E. 67	Panela/Qidr	10 b	—	Séc. XII
42	ESA 02	U.E. 67	Panela/Qidr	8	—	Séc. XII
43	ESA 02	U.E. 67	Panela/Qidr	8	—	Séc. XII
44	ESA 02	Silo 2	Candil/Quandil	8	Aguada de lamboge	Séc. XII
45	ESA 02	Silo 2	Jarrita/Barrada	9	Pintura a branco	Séc. XII
46	ESA 02	Silo 2	Jarrita/Barrada	9	—	Séc. XII
47	ESA 02	Silo 2	Panela/Qidr	8	Pintura a branco	Séc. XII
48	ESA 02	Silo 2	Panela/Qidr	8	—	Séc. XII

NOTAS

- ¹ Comunicação apresentada no 4.º Congresso de Arqueologia Peninsular.

BIBLIOGRAFIA

- AMARO, C. (2001) - Presença muçulmana no Claustro da Sé Catedral: três contextos com cerâmica islâmica. In *Garb - Sítios islâmicos do Sul peninsular*. Lisboa: IPPAR; Badajoz: Junta da Extremadura, p. 165-198.
- ANGELUCCI, D. (2004) - *Estudos de geoarqueologia na Encosta de Sant'Ana - Lisboa*. Lisboa: IPA (Trabalhos do CIPA; 62).
- ANGELUCCI, D.; COSTA, C.; MURALHA, J. (2004) - Ocupação neolítica e pedogenese médio-holocénica na Encosta de Sant'ana (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, p. 127-147.
- BAZZANA, A. (1992) - *Maisons d'al-Andalus. Habitat médiéval et structures du peuplement dans l'Espagne orientale*. Madrid: Casa de Velázquez.
- BOONE, J. L. (1993) - The third season of excavations at Alcaria Longa. *Arqueologia Medieval*. Porto. 2, p. 111-126.
- BUGALHÃO, J.; FOLGADO, D. (2001) - O arrabalde ocidental de Lisboa islâmica: urbanismo e produção oleira. *Arqueologia Medieval*. Porto. 7, p. 111-146.
- BUGALHÃO, J.; GOMES, A. S.; SOUSA, M. J. (2003) - Vestígios de produção oleira islâmica no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios. Lisboa. *Arqueologia Medieval*. Porto. 8, p. 129-192.
- COELHO, C. (2000) - A ocupação islâmica do Castelo dos Mouros (Sintra): interpretação comparada. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, p. 207-228.
- FERNANDES, I. C. (1999) - Uma taça islâmica com decoração antropomórfica proveniente do Castelo de Palmela. *Arqueologia Medieval*. Porto. 6, p. 79-100.
- FERNANDES, I. C. (2001) - A península de Setúbal em época islâmica. *Arqueologia Medieval*. Porto. 7, p. 185-196.
- FERNANDES, I. C. (2004) - *O Castelo de Palmela: do islâmico ao cristão*. Lisboa: Colibri; Palmela: Câmara Municipal.
- GASPAR, A.; GOMES, A. (2001) - Resultados preliminares das escavações arqueológicas no Castelo de São Jorge. *Arqueologia Medieval*. Porto. 7, p. 95-102.
- GOMES, A.; SEQUEIRA, M. J. (2001) - Continuidades e descontinuidades na arquitectura doméstica do período islâmico e após a conquista da cidade de Lisboa. Escavações arqueológicas na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva. *Arqueologia Medieval*. Porto. 7, p. 103-110.
- GOMES, A.; GASPAR, A.; PIMENTA, J.; VALONGO, A.; PINTO, P.; MENDES, H.; RIBEIRO, S.; GUERRA, S. (2001) - A cerâmica pintada de época medieval da Alcáçova do Castelo de São Jorge. In *Garb - Sítios islâmicos do Sul peninsular*. Lisboa: IPPAR; Badajoz: Junta da Extremadura, p. 119-164.
- GOMES, M. V. (1998) - Cerâmicas islâmicas do Poço da Hortinhola (Moncarapacho, Olhão). In *Actas das 2ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval - Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal, p. 33-42.
- GOMES, R. V. (1995) - Cerâmicas muçulmanas de Silves, dos séc. VIII e IX. In *Actas das 1ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval - Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal, p. 19-32.
- GÓMEZ BECERRA, A. (1997) - Cerámica emiral y califal de Almuñecar (Granada). *Arqueologia Medieval*. Porto. 5, p. 117-137.
- GÓMEZ BECERRA, A. (2000) - Un ensayo de evolución crono-tipológica. El yacimiento de El Maraute (Motril) y la cerámica de la costa granadina - siglos VIII - XII. In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, Vol. VII - Arqueologia da Idade Média da Península Ibérica*. Porto: ADECAP, p. 363-372.
- GONÇALVES, A.; SCHIERL, T.; TEICHNER, F. (2003) - A change of pottery style under Dom Sancho II? A coin dated pottery sequence from a medieval silo excavated in the cloister of the City Museum of Évora (Alentejo, Portugal). *Arqueologia Medieval*. Porto. 8, p. 237-252.
- LOPES, C. C.; RAMALHO, M. (2001) - Presença islâmica no Convento de S. Francisco de Santarém. In *Garb - Sítios islâmicos do sul Peninsular*. Lisboa: IPPAR; Badajoz: Junta de Extremadura, p. 31-88.
- MARTÍNEZ, S. G. (1993) - La cerâmica verde y morado de Mértola (Portugal). *Arqueologia Medieval*. Porto. 3, p. 113-132.
- MATOS, J. L. (1983) - Malgas árabes do Cerro da Vila. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 1, p. 375-390.
- MATTOSO, J. (1993) - *História de Portugal*. vol. II. Lisboa: Círculo de Leitores.
- MENDES, H.; PIMENTA, J.; VALONGO, A. (2002) - Cerâmicas medievais provenientes da Travessa da Lameira (Santarém) n.º 21. *Revista*

- Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, p. 259-276.
- MURALHA, J.; COSTA, C.; CALADO, M. (2002) - Intervenções arqueológicas na Encosta de Santana (Martim Moniz - Lisboa). *Al-madan*. Almada. 2ª série. 11, p. 245-246.
- PÉREZ ALVARADO, S.; PÉREZ MARTÍNEZ, M. (2000) - Un ejemplo de sistematización de la cerámica omeya: la zona arqueológica de Marroquíes Bajos (Jaén). In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, Vol. VII - Arqueologia da Idade Média da Península Ibérica*. Porto: ADECAP, p. 401-420.
- RAMALHO, M.; LOPES, C.; CUSTÓDIO, J.; VALENTE, M. J. (2001) - Vestígios da Santarém islâmica: um silo no Convento de S. Francisco. *Arqueologia Medieval*. Porto. 7, p. 147-186.
- ROSSELLÓ BORDOY, G. (1991) - *El nombre de las cosas en Al-Andalus: una propuesta de terminología cerámica*. Palma de Mallorca: Museu de Mallorca.
- RODRÍGUEZ AGUILERA, A (1999) - Estudio de las producciones postcalifales del alfar de la Casa de los Tiros (Granada), siglos XI/XII. *Arqueologia Medieval*. Porto. 6, p. 101-122.
- SIDARUS, A.; REI, A. (2001) - Lisboa e o seu termo segundo os geógrafos árabes. *Arqueologia Medieval*. Porto. 7, p. 37-72.
- SILVA, A. R.; BARBOSA, P. G. (2003) - Cerâmica de tradição muçulmana da *villa* romana de Frielas (Loures). *Arqueologia Medieval*. Porto. 8, p. 109-118.
- SILVA, V. (1960) - Um tubo de drenagem romano encontrado numa escavação em Lisboa. In *Dispersos*, vol. II. Lisboa: Câmara Municipal, p. 90-103
- TEICHNER, F. (1993) - Acerca da vila romana de Milreu/Estoi: continuidade da ocupação na época árabe. *Arqueologia Medieval*. Porto. 3, p. 89-100.
- TORRES, C. (1995) - O espaço familiar e as formas de habitat no Garb Al-Andaluz. In *Actas das 1.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval - Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal, p. 33-40.
- VIEGAS, C.; ARRUDA, A. M. (1999) - Cerâmicas islâmicas da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:2, p. 105-186.
- VON KEMNITZ, E. (1999) - Candis da coleção do Museu Nacional de Arqueologia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 11-12, p. 427-472.